

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 86 n.º	Semest. — 18 n.º	Trim. — 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 676	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	36800	18900	8950	5120	10 DE OUTUBRO DE 1897	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	46000	26000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	54000	26500	—	—		



## CHRONICA OCCIDENTAL

A tão discutida viagem da familia real ao Algarve realisou-se emfim.

Ha trescentos e alguns annos, desde janeiro de 1576, que o velho reino, ultima conquista dos portuguezes aos moiros, não abrigava o rei dentro das suas fronteiras.

É uma das mais bellas, das mais ricas provincias de Portugal.

Desde que o comboio entra em Messines, depois de, por muitas horas, em curvas apertadas, por altas trincheiras, ter percorrido a serra, onde sobreiros crescem no matto altissimo, a paizagem mudou, a vista alarga-se, começa aquella região enorme, toda cultivada, fertilissima, que se estende em plano suave desde a serra até ao Oceano.

São os renques de figueiras, as amendoeiras viçosas, que com os seus ramalhetes brancos primeiro annunciaram a primavera, as velhas alfarrobeiras estendendo até ao chão os braços retorcidos, as vinhas, ha poucos dias ainda verdes, e agora pondo um tapete d'oiro nas encostas. Sobre a paizagem serena, serenissimo o céu, cintado d'oiro, durante a hora do crepusculo. São lindas as tardes no Algarve, onde a natureza canta pianissimo um *scherzo* delicioso. Os perfumes maritimos sobem até alto pelas encostas e o oiros do poente vai esmorecendo n'uma cor verde de transição, viva, scintillante, até ao azul intenso do alto céu.

Nos dias claros, a barlavento, é soberbo e magestoso o fundo da paizagem. A serra de Monchique ergue alto os cones azulados sobre o tapete verde, escriptorio, riquissimo, onde alvejam as casarias.

Lagos, Alvôr, Villa Nova de Portimão, Silves, Lagôa, Ferragudo, todas essas villas e cidades, gozam d'esse panorama esplendido.

A Rocha de Villa Nova, com as suas casarias entre os vinhedos, muitas d'ellas conservando o typo algarvio, com os seus terraços e chaminés arrendadas, amoraveis e risonhas, é dos mais bellos logares do mundo e, como poucos, prestando-se para ser transformado em deliciosa estação de inverno.

Faro é uma bella cidade, contendo verdadeiras preciosidades architectonicas do ultimo seculo. Seus arredores são bellissimos: Santa Barbara de Nexe um verdadeiro encanto; Estoy, cheio de recordações dos romanos; Santo Antonio, um dos maravilhosos pontos de vista existentes na provincia.

A estrada que segue de Faro até Olhão vai por entre successivas quintas admiravelmente tratadas, com aquelle excessivo carinho que o algarvio tem pela terra. Hortas fresquissimas, poços, noras, aqueductos caiados, alegres moradias, sombras de parreiras extensas.

Seria curioso comparar a viagem do rei actual e a recepção que lhe vae ser feita, com a jornada d'El-Rei D. Sebastião e os festejos com que foi celebrada pelos povos do Baixo Alemtejo e Algarve.

Sahiu El-Rei D. Sebastião de Evora, conta o *coronista* Cascão, em 2 de Janeiro de 1576, pelo caminho de Vianna, onde primeiro descansou.

Acompanhava-o o Infante D. Duarte e o Duque

de Aveiro, muitos fidalgos e moços fidalgos, assim da casa d'El-rei como da do Infante.

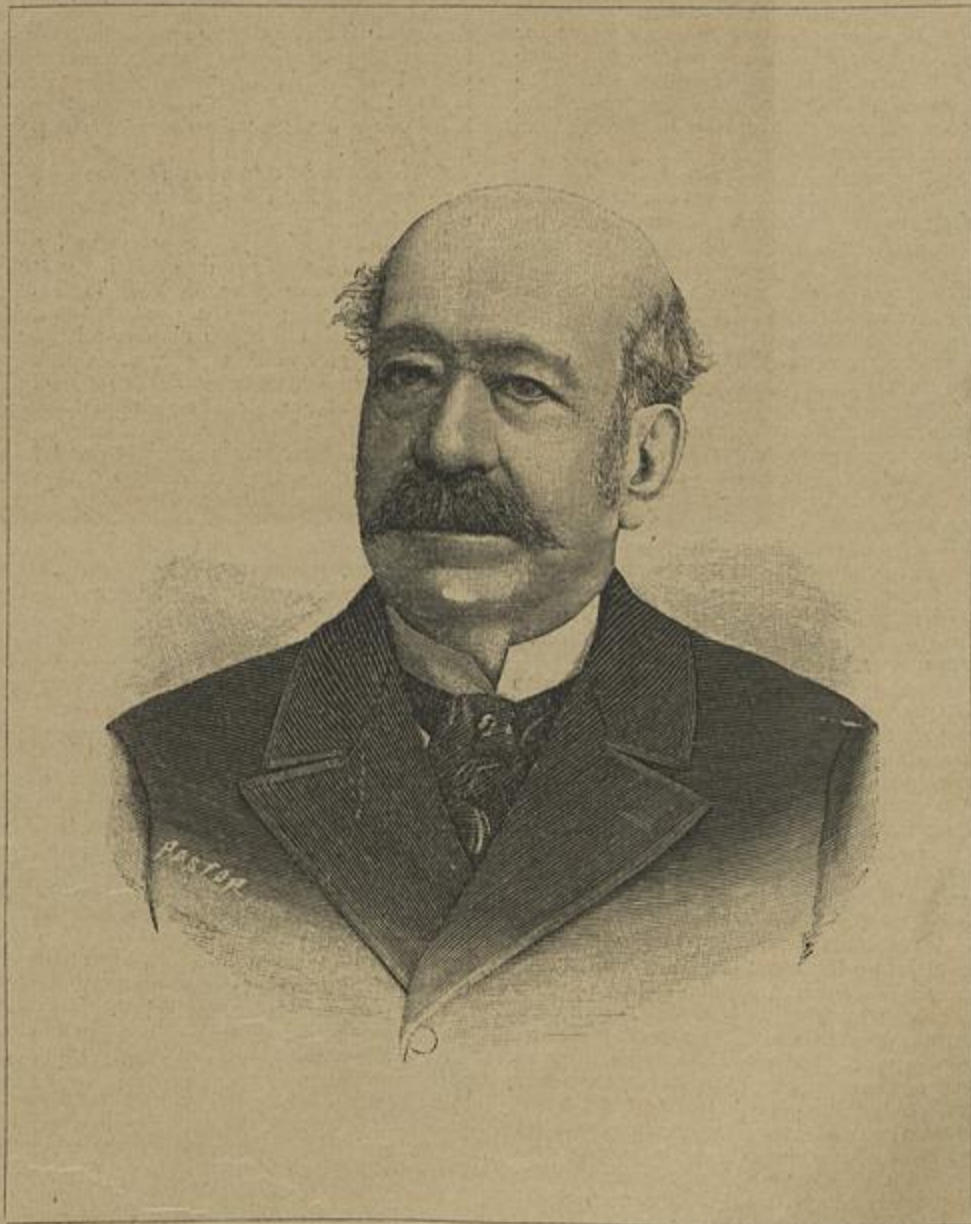
Foi El-rei atravessando as vastas charnecas, caçando lebres e garças. Em todas as terras era recebido por danças e folias, umas melhores, outras peores. De quando em quando, as difficuldades cresciam de modo no caminho, que nos lembram involuntariamente as peripecias das actuaes travessias em Africa. Passavam-se os rios a vao e a enxurrada batia nos ventres dos cavallos; as azemolas carregadas atascavam-se em lameiros. Iam ás vezes todos encharcados pelas aguas da chuva e dentro das casas aprestadas, em que procuravam abrigo, chovia tanto como na charneca.

Por todas as terras, da mais pobrissima á mais abastada, muitas festas. As toiradas eram obrigatorias; mas a maior parte das vezes, os toiros não prestavam. O grande cavalleiro d'esse tempo era o Infante D. Duarte. El-rei sahia tambem ás vezes a tourear.

Eram divertimento de todos as graças do Couto, as tolices do Lopo Roiz, as atrapalhações do Alferes-mór.

D. Sebastião não desgostava de judiar e esta pequenina anedocta, alegremente contada por Cascão, bem o demonstra:

«El-rei se recolheu e mandou sahir outros toireiros, que foram D. Pedro de Menezes, D. João



CONDE DE S. MARÇAL

(Copia de uma photographia)



da de escravos, sem mesmo poupar os que, por seus longos serviços, e pela sua avançada idade, tinham incontestável direito a serem tratados com mais consideração.»

Este individuo explorava escandalosamente os aprendizes, exigindo-lhes toda a especie de serviços, os mais extranhos á typographia. Viu-se, pois, o novel compositor forçado a sahir da Imprensa Nacional, de onde passou para o quadro typographico do jornal opposicionista *A Guarda Avançada*, redigido pelos tres irmãos Castilhos, Antonio, José e Augusto, conego da sé, e que se imprimia na typographia de Romão Rodrigues Costa, successor de Simão Thadeu Ferreira, um dos nossos impressores mais conhecidos e conceituados no seculo xviii.

N'esta officina declara o sr. conde, na carta alludida, haver encontrado prompta collocação com o vencimento diario de 480 réis.

Embora a *Guarda Avançada* sabbise, por intrigas da imprensa de Rodrigues Costa, o nosso biographado continuou alli, por um certo espirito de gratidão para com o proprietario. Este facto é digno de nota pois exalta bastante o caracter diamantino do illustre titular.

Faltando o trabalho, teve que dirigir-se a outra officina. Deparou-se-lhe a typographia de Antonio Sebastião Coelho, onde logo encontrou emprego, compondo o *Independente*, diario que o visconde de Seabra e Antonio de Oliveira Mareca então redigiam.

Eduardo Coelho esclarece este ponto e acompanha-o de informações muitissimo interessantes para a historia technica da arte typographica.

Diz elle no citado artigo :

«Este jornal publicava-se n'uma typographia da rua do Outeiro a S. Carlos.»

«A typographia estava então quasi na sua phase primitiva. Fazia-se uso quasi exclusivo do velho prêlo de madeira; dava-se a tinta com as antigas balas; a impressão era toda feita a braços; os jornaes tinham uma tiragem propriamente para a familia; cada exemplar servia a numerosos leitores, se os artigos excitavam interesse. Foi a imprensa do *Panorama*, que n'esta época (1837) começou a publicar-se, a que introduziu em Lisboa o uso dos rolos.»

Terminando a publicação do *Independente*, passou o sr. Thomaz Quintino Antunes para a typographia da Academia Real das Sciencias, tornando-se o compositor predilecto do erudito escriptor frei Francisco de S. Luiz, e ahí se conservou até agosto de 1840.

Os annos que se seguiram constituem a quadra mais desgraçada da vida do honrado typographo. Preso durante 4 mezes, encontrou-se, quando livre, a braços com uma terrivel escassez de trabalho.

Teve então logar um facto que muito abrilhanta a biographia do respeitavel industrial.

Seja ainda um período da sua auto-biographia o que aqui deixemos, porque o desvanecimento proprio não fica mal quando se possui a consciencia immaculada de um homem de bem :

«Por fortuna vagou por esta occasião o logar de director tecnico na typographia do *Portugal Velho*, e eu resolvi-me a diligenciar-o. O *Portugal Velho* era um jornal legitimista, redigido pelos homens mais respeitaveis d'aquelle partido, taes como Dr. Albino Abranches de Figueiredo, Alpoim Serrão, João de Lemos, Dr. Beirão, D. Sancho Manuel de Vilhena, Thomaz Cabral, Antonio Ribeiro Saraiva, mais conhecido pelo Saraiva d'Inglaterra, e muitos outros cavalheiros distinctissimos. A empreza do jornal pertencia a uma sociedade composta do Dr. Albino d'Abranches Freire de Figueiredo, Alpoim Serrão, Dr. Manuel José Fernandes Cicouro, e Dr. Alipio Freire de Abreu Castello Branco. O primeiro d'estes individuos era o redactor principal da folha, e o ultimo o gerente da empreza. Era pois a este cavalheiro que eu tinha de dirigir-me para solicitar o logar que desejava. Procurei-o para esse fim, no seu escriptorio na rua dos Fanqueiros, onde me recebeu com a maior urbanidade, dizendo-me porém que sentia não poder satisfazer aos meus desejos, porque a empreza do jornal tinha deliberado não admitter empregado algum que não fosse da sua communhão politica. Dias depois recebi uma carta d'este mesmo senhor em que me pedia que o procurasse com urgencia. Voltando n'essa mesma tarde ao seu escriptorio, disse-me que não obstante a deliberação que a empreza havia tomado de só admitter quem fosse da sua confiança politica, tinha obtido taes informações do meu caracter que não duvidava receber-me, pois sabia que apesar de serem differentes as minhas opiniões, era incapaz de revelar qualquer coisa que devesse ser obje-

cto de segredo. Refiro este facto apenas por ser mui honroso para mim.

«No dia seguinte entrava no exercicio do meu logar, conquistando dentro em pouco a estima de todos aquelles cavalheiros.»

Varias contingencias fizeram cessar a publicação do *Portugal Velho*.

O dr. Antonio Ribeiro da Costa Holtremam nomeou Thomaz Antunes administrador da typographia da *Gazeta dos Tribunaes* de que aquelle illustre advogado era proprietario com o dr. Antonio Gil, cavalheiros que foram dois dedicadissimos amigos do sr. conde de S. Marçal.

Mais tarde, adquiriu o dr. Holtremam a propriedade da *Revista Universal Lisbonense*, notavel publicação litteraria fundada em 1841 por Castilho, e a qual durou até junho de 1853, tendo sempre a direcção technica do mesmo artista. A revista foi redigida por Castilho até á epocha em que elle partiu para S. Miguel, onde fundou o *Agricultor Michaelense*, ficando substituido por José Maria da Silva Leal. Passado tempo a propriedade da revista passou para Sebastião José Ribeiro de Sá, que comprou a typographia do *Panorama*, propriedade então de Santos Monteiro, e a juntou á imprensa da *Gazeta dos Tribunaes*, ficando director do estabelecimento o sr. Thomaz Antunes. Em 1854, Ribeiro de Sá, associado com Rebello da Silva, comprou a Manuel Patricio Alvares a já então denominada *Typographia Universal*, a que se reuniram outras impressas dos dois socios. Para o grande estabelecimento foi nomeado administrador o sr. Thomaz Quintino Antunes, que pouco depois, em 1855 o veiu a adquirir por negociações com um dos ultimos proprietarios chamado Albano da Silveira Pinto.

O edificio d'esta officina tem tradições historico-industriales apreciaveis. Segundo diz Eduardo Coelho, já alli em 1740 se imprimiam livros. Era typographia do tempo da primeira invasão franceza, sendo alli a antiga officina Morando, que depois passara a Eduardo de Faria.

Com fortuna propicia, bem depressa a *Typographia Universal* se collocou na altura que lhe competia nos progressos da arte de imprimir.

Muitos eram os trabalhos que alli affluam. O seu novo proprietario, adquirindo novas machinas e reformando o material, conseguiu tornar-se muito apreciado.

«Entre esses trabalhos, escrevia o sr. conde na carta citada, contavam-se quatro jornaes diarios, sendo um d'elles o *Conservador* que defendia a politica do conde Thomar. Antonio Augusto Corrêa de Lacerda era o redactor principal; a parte noticiosa estava a cargo de Eduardo Coelho. Foi alli que pela primeira vez nos conhecemos, e travámos a mais cordeal e affectuosa amizade, que durou até á sua morte, e que ainda vive na profunda saudade que consagro á sua honradissima memoria

«D'este convívio nasceu o plano de um jornal independente, noticioso e inoffensivo; e em virtude d'elle, a 29 de dezembro de 1864, apparecia o 1.º numero do *Diario de Noticias*. O publico applaudiu a idéa, e desde logo lhe dispensou toda a sua valiosa protecção, contra a qual teem sido sempre impotentes os tiros com que, em diferentes epochas, tem tentado agredil-o a malevolencia e a inveja. Deve a isto o *Diario de Noticias* a sua constante prosperidade, que, ainda assim, não seria talvez tão completa se não fosse a perfeita conformidade de vontades que sempre reinou entre mim e Eduardo Coelho, sem que, em tão longo espaço de tempo, houvesse entre nós uma unica nota discordante.»

Podíamos terminar n'este ponto, pois nos escasseia espaço, ás linhas que traçamos. A transcripção ultima refere bem claramente a immortal obra «fructo exclusivo do trabalho honrado de dois homens laboriosos» como Eduardo Coelho escrevia em 1870, da fundação e orientação do *Diario de Noticias*, e dispensa-nos pois de maior alongamento.

Pelo que deixamos escripto, segundo os trabalhos publicados, bem se avaliam os dotes de intelligencia e de caracter que distinguem o sr. conde de S. Marçal.

Os seus serviços são tão relevantes, que fecharemos agora enumerando as graças honorificas que lhe teem sido concedidas, não por solicitações officiosas, mas sim por espontanea distincção dos altos poderes do Estado.

Eis a nota d'esses titulos :

Por diploma de 30 de junho de 1869, inserto no *Diario do Governo* n.º 200, de 4 de setembro, foi agraciado com a commenda da ordem militar de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa. Recebeu o titulo de visconde de S. Marçal, por diploma de 20 de agosto de 1885, publicado no *Dia-*

*rio do Governo* n.º 189, de 26 de agosto; e foi elevado a conde de S. Marçal, por diploma de 7 de novembro de 1891, inserto no *Diario do Governo*, u.º 254, de 10 de novembro do mesmo anno.

Ainda outras distincções civicas tem recebido dos eleitores de Lisboa, sendo em 1878 eleito para a Junta Geral do Districto.

O sr. conde de S. Marçal é pois um cavalheiro de altas qualidades, e muito nos lisonjamos, em ter occasião de acompanhar o seu retrato com estes apontamentos deveras desvanecedores.

Esteves Pereira.



## AS NOSSAS GRAVURAS

DE VOLTA DA «SOIRÉE»

Este quadro de Vaamonde prima pela simplicidade e pela verdade.

Quantas vezes a scena que elle representa se terá dado com as nossas gentis leitoras, que ao regressarem a casa, de um passeio ou de uma *soirée* encontram o *Charmant* ou a *Giroflé* a receber-as ás marradinhas, muito contente, com delicadas meiguices de gatos que se presam e a que suas donas correspondem com requintada amabilidade.

De todos os animaes domesticos, os gatos são os mais estimados pelas meninas e pelas creanças, apesar de uma ou outra vez mostrarem as garras da sua raça felina.

Mas o *Charmant* não tem unhas!

Não é assim, gentil leitora?

## BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

Vamos fazer uma rapida descripção d'alguns insectos, vulgarmente chamados borboletas e que os naturalistas denominam lepidopteros.

**PIERIS BRASSICÆ (1)** — Vulgarissima. — Azas brancas, as superiores com a base e o bordo externo um pouco escurecido e o angulo externo bastante negro; as inferiores com uma mancha negra no bordo anterior. A femea representada na estampa n.º 1 differa do macho em ter nas azas superiores mais tres manchas negras, duas arredondadas dispostas em linha perpendicular ao bordo posterior e uma em forma de tira junto a este ultimo.

Voa na primavera e outomno e a lagarta encontra-se na couve — *brassica oleracea* e outras cruciferas, em pequenos grupos.

**PIERIS NAPI (2)** — Azas brancas, as superiores tem a base um pouco acidentada e o angulo externo negro. Distinguem-se os sexos pelos mesmos caracteres que a especie precedente.

Voa na primavera e verão e encontra-se no nabo, resedá, etc.

**ANTOCHARIS RUPHENO (3)** — Azas amarellas com uma linha central um pouco escura; as superiores tem o angulo externo alaranjado com estrias escuras.

Voa em abril e maio e a lagarta encontra-se na *biscutella ambigua*.

**THECLA BETULÆ (4)** — Azas escuras. As superiores, no macho, tem duas pequenas manchas amarelladas e na femea representada na estampa n.º 4 apenas uma.

Voa em julho e agosto e a lagarta vive no abrunheiro.

**THECLA RUBI (5)** — Azas pardas um pouco brilhantes. Macho e femea são muito semelhantes.

Voa de março a maio e a lagarta vive em diversas plantas, silva etc.

**POLYOMMATUS PHLEAS (6)** — Azas superiores pardas com o disco amarello dourado, semeado de pontos pretos, as inferiores escuras com uma tira marginal amarello escuro, debruado d'uma linha avermelhada em arcos.

Voa em abril, agosto e setembro e a lagarta vive no *rumex acetosa*.

**POLYOMMATUS VIRGAUREÆ (7)** — Azas d'um amarello dourado muito brilhante com uma pequena cercadura negra, recortada na parte interna das azas inferiores.

Voa em maio e julho e a lagarta vive no *solidago virgaurea*.

**LYCENA CORYDON (8)** — Azas d'um azul prateado

do brilhante, com uma cercadura negra bastante larga, orlada d'uma franja branca; por dentro da cercadura ha muitos pontos negros.

Vôa em julho e agosto e a lagarta vive no *trifolium*, *lotus*, etc.

**LYCENA ARGIOLUS (9)** — Azas pequenas, delicadas, d'um azul violeta palido, com uma fina cercadura em franja. A femea tem uma ordem de pontos negros no bordo externo das azas.

linha preta e com uma tira da mesma cor ornada de lunulas azues. A superior tem seis manchas pretas, 3 costaes, grandes, separadas por tiras amarellas tendo uma mancha branca no angulo externo e as outras 3 discoidaes sendo a inferior maior e amarella na parte externa; as duas restantes mais pequenas e arredondadas. As inferiores angulosas em metade do bordo externo, tendo base negra.

As azas tem as côres amarello torrado, amarello claro, negro e azul bellamente combinadas.

**VANESSA ANTIOPA (13)** — As azas são pardacentas tendo no bordo marginal duas largas orlas, a externa amarello claro e a interna preta com lunulas azues; as superiores tem o bordo externo ligeiramente amarelado com duas manchas amarellas mais proximas do angulo externo.



DE VOLTA DA «SOIRÉE» — QUADRO DE VAAMONDE

Vôa em maio, julho e agosto e a lagarta encontra-se na hera — *hedera helix*, *rhamnus frangula*, etc.

**LIMENITIS CAMILLA (10)** — Azas ligeiramente sinuosas e escuras com tiras e manchas brancas, que se tornam maiores no macho.

Vôa em junho, julho e agosto e pousa de preferencia nas flôres das silvas. A lagarta vive na madre-silva, *lonicera-caprifolium*.

**VANESSA URTICAE (11)** — Azas d'um amarello torrado, com uma orla pardacenta, cortada por uma

A femea é um pouco maior e as tiras amarellas maiores.

Vôa no verão, e a lagarta vive nas ortigas.

**VANESSA IO (12)** — Esta bonita especie, conhecida tambem pelo nome de *pavão do dia* vôa desde maio a setembro e deixa-se capturar facilmente quando pousada nas flôres. As lagartas vivem em sociedade, nas ortigas, de junho a setembro, das quaes algumas dão origem a borboletas que hibernam para reaparecerem na primavera seguinte.

Vôa em julho e setembro e algumas hibernam como a especie antecedente, reaparecem no verão immediato com a cercadura amarella das azas inteiramente branca. As lagartas vivem em sociedade nos ultimos ramos dos salgueiros, alamos, etc.

**VANESSA ATALANTA (14)** — É muito vulgar. As azas são pardas. As superiores tem uma larga fita avermelhada a partir do bordo externo para o angulo interno. No angulo externo tem uma mancha azul e junto ao bordo externo umas manchas



2 — *Pieris napi*



1 — *Pieris brassicae*



3 — *Antiocharis eupheno*



4 — *Thecla betulae*



5 — *Thecla rubi*



6 — *Polyommatus phlaeas*



7 — *Polyommatus virgaureae*



8 — *Lycaena corydon*



9 — *Lycaena argiolus*



11 — *Vanessa urticae*



12 — *Vanessa io*



14 — *Vanessa atalanta*



10 — *Limenitis camilla*



15 — *Vanessa cardui*

BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

brancas sendo uma maior. As inferiores tem em quasi toda a extensão do bordo marginal uma larga cercadura avermelhada com pontoações negras.

Võa de abril a outubro e a lagarta encontra-se solitaria nas ortigas, escondendo-se n'uma ou mais folhas reunidas por alguns fios de seda, onde muitas vezes se transforma em chrysalida.

VANESSA CAHIU-I (15). — É muito commum. As azues tem as côres preto e amarello torrado em dous tons. Nas superiores ha mais umas manchas brancas proximas do angulo externo e mais para a base uma mancha alaranjada. Nas inferiores junto ao angulo anal umas meias luas azues.

Võa em maio, julho e setembro e a lagarta vive solitaria no cardo e malva, mettendo-se n'uma tea, que ella propria tece, tendo o cuidado de nunca a fechar de todo, para d'alli poder comer o parenchima das folhas, que lhe ficam proximas.

### Uma tourada real, no reinado de D. João V

Em um manuscripto antigo, existente na Bibliotheca publica do Porto, faz-se uma curiosissima descripção das touradas que tiveram logar em Lisboa, no Terreiro do Paço, e que constituiram uma parte dos festejos que então se realisaram por occasião do casamento d'aquelle monarcha.

A armada em que veio a noiva de D. João V chegou á barra de Lisboa em 26 de outubro de 1708.

O manuscripto a que nos referimos tem o seguinte titulo :

*«Relação e breve compendio da entrada da Serenissima rainha de Portugal, D. Maria Anna Josepha, Antonia de Austria, filha do imperador Leopoldo Ignacio 1.<sup>o</sup> de nome, vindo a casar com D. João o 5.<sup>o</sup>, filho de el-rei D. Pedro o 2.<sup>o</sup>, com a noticia das festas de touros feitas no Terreiro do Paço, da cidade de Lisboa. Escriptas por um curioso que em todas as occasiões se achou presente, observando as circumstancias com toda a individualidade, no anno de 1708.»*

Segue a descripção :

Para a celebridade d'estes reaes desposorios se fizeram varias festas, entre as quaes foi uma a de tres dias de touros, para o que se fizeram os palanques pintados de verde, guarnecidos de ouro com piramides entalhadas e simalhas nos remates de cima; poz-se o mastro para um canto da praça, costumando-se sempre pôr-se no meio, e foi a primeira vez que isto se fez. Armaram os tribunaes os seus palanques maravilhosamente e o da Relação poz por remate no seu a figura da Justiça e foi a primeira vez que vi a Justiça na Relação. Estava esta com uma espada em uma mão e na outra umas balanças, annunciando a rectidão e a equaldade com que devem portar-se os ministros. Era n'este tempo Regedor da Justiça o conde de Aveyras, João da Silva Tello de Menezes.

Foi o primeiro dia de touros o dia 15 de novembro de 1708, á quinta feira. Em primeiro lugar entraram na praça vinte carros triumphantes feitos por admiravel architectura, de figuras e pinturas, cousa muito vistosa: dividiram-se dez para um lado e dez para outro, e como os dias eram pequenos, vieram suas magestades para a sua varanda pelas dez horas; logo que chegaram, aballaram os vinte carros a aguar o corro, passando uns pelos outros por modo de dança, que esteve muito galante a fôrma com que se trocavam: acabado isto entrou o meirinho da côrte com seis lacaios vestidos de pano encarnado e véstias brancas; fez as cortesias e poz-se em seu lugar para receber as ordens.

Entrou logo o capitão da guarda, D. Philippe de Souza, com doze lacaios vestidos de pano encarnado, véstias de primavera verde, fez as cortesias, e lançaram os archeiros o povo fóra do corro, de modo que ficou a praça sem impedimento. Sahiu o primeiro touro e logo entraram quatro mullas com as caixas das garrochas, onde em cada canto da praça poz cada uma a caixa que trazia e vinham cubertas todas com reposteiros azues com as armas do conde de Rio Grande, Lopo Furtado, que foi o primeiro cavalleiro, o qual entrou a fazer as cortesias em um cavallo preto com a crina de fitas de tella de prata. Trazia vinte e quatro creados vestidos de casacas de damasco amarello com flores de ouro, e dous presos para lhe darem as garrochas, vestidos de velludo carmezim e véstias de primavera branca.

Foi esta tarde enfadonha, porque o conde foi mal succedido, pois a primeira sorte lhe esbarrou o cavallo, e quasi que o teve no chão. Livrou-se da queda, perdeu uma estribeira, levou o touro á

espada, mudou de cavallo e na segunda sorte que fez com o que taouxe, lhe cahiu e foi a pé matar o touro á espada, a que sahiu toda a fidalguia acudindo-lhe para o livrar de alguma descompostura. Montou e mudou de cavallo e passadas algumas sortes, perdeu uma estribeira; quiz levar o touro á espada, á primeira cutilada cahiu-lhe a espada da mão, não matou de uma só cutilada ou garrochada, touro algum e só dous fóram de diversos; dillatava-se muito quando sahia fóra e a maior parte da tarde andou no cavallo das cortesias, porque os outros não se chegavam bem aos touros.

O meirinho da côrte levou tambem seu boleu do cavallo abaixo, porque lhe arrebutaram as silhas e veio com a cella ao chão; finalmente muito mais cedo do que se esperava se despediu o conde cavalleiro, podendo ainda andar na praça mais de uma hora.

Não disse ainda a fôrma em que estavam as pessoas reaes na sua varanda, que era el-rei o primeiro para a banda do mar; seguia-se logo a serenissima rainha que veio vestida de branco, tocada á allemã com fitas cór de fogo entrelaçadas pelo cabello e entre ellas e o cabello tinha um monte de diamantes postos em varias diversidades, e quantidade de flores de ouro. Seguiam-se logo os srs. infantes D. Francisco e D. Antonio e a sr.<sup>a</sup> D. Francisca; o sr. D. Manuel não assistiu por estar doente.

Por occasião d'asta tourada foi composta esta decima dirigida «A Lopo Furtado de Mendoça, conde do Rio Grande e Almirante da Armada real, em o dia que toureou de cima» :

O melhor cravo Almirante  
aos touros sahiu brioso  
sendo tanto de cheiroso  
quanto tinha de flamante,  
mas logo no mesmo instante  
a galla com que se viu  
na mesma praça a despiu  
que como cravo Furtado  
logo se viu desmanchado  
quando a folha lhe cahiu.

A estes versos veio a seguinte «Resposta á decima por um criado do conde de Rio Grande» :

#### SONETO

Se de alguma maldita infame Toga  
se viu em esta decima mal paga  
que vosso augusto nome iniquo estraga  
quando mais grita o mundo, a fama roga.

Deixae que brade a mal polida esvoga  
que mais de inveja, a ditta vos afaga  
porque esse rio o mar que estreito alaga  
em pelagos de assombros tudo afoga.

E se esta decima do Pegaço ronco  
foi, ou rincho, em seu lugar recolha  
do poeta sujo equivoco tão bronco.

Antes que d'estas más poesias colha  
que lhe responda esse Pao do tronco  
do cravo illustre que viu sem folha.

Em o dia 17 do mez de novembro se celebrou o segundo dia de touros. Chegaram suas magestades ás mesmas horas, veio a serenissima rainha com o mesmo vestido de tella branca e tocado, mas as fitas só eram verdes. Vieram os mesmos carros na fôrma do primeiro dia e assim mesmo o meirinho da côrte com os mesmos creados; entrou depois a despejar, o capitão da guarda real, o conde de Pombeiro, D. Pedro de Castelbranco com vinte e quatro creados vestidos com casacas de velludo azul, véstias de ló amarello, chapéus presos, plumas amarellas e meias azues. Fez muito airosamente as cortesias e despejou o corro na fôrma já dita. Entraram quatro mullas que traziam as caixas das garrochas cobertas com reposteiros de velludo verde com as armas do conde de S. Lourenço, que foi o segundo cavalleiro.

Sahiu o primeiro touro e logo veio o dito conde de S. Lourenço, Martim Afonso de Mello, fazer as cortesias; foi esta tarde admiravel, porque em tudo foi o conde bem afortunado, melhor succedido e muito diligente. Trouxe vinte e quatro creados vestidos de velludo carmezim, véstias de ló verde com flores de ouro, meias brancas, chapéus com plumas brancas, e topes de fitas verdes e brancas nos hombros. Fez as cortesias em um cavallo preto com crina de fitas de tella de ouro. Perdeu algumas vezes a estribeira, de que levou alguns bois á espada, matou dous touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, fez muitas sortes, e tambem fez muitas com um lenço, tudo

com admiravel confiança, fortuna e brio; só teve o dissabor de lhe ferir um touro um cavallo branco em uma perna e levou este touro á espada; quando mudava de cavallo não fazia mais detença que a que se ha de mister para desmontar de um e montar em outro, porque assim como entrava em um para dentro, já na porta lhe ficava outro prompto e n'esta fôrma mostrou ser incançavel. Despediu-se ás Ave Marias, sendo infinitos os vivos e os applausos com que o festejou todo o povo.

Em o dia 21 d'este mez de novembro se celebrou o terceiro dia de touros. Chegaram suas magestades pelas onze horas, veio a serenissima rainha com o mesmo vestido e tocado, mas as fitas eram encarnadas, e por cima dos hombros em fôrma de triangulo, trazia uma palatina verde, bordada de ouro, que lhe estava muito bem. Vieram os mesmos carros na fôrma referida, e assim mesmo o meirinho da côrte. Entrou depois a despejar o corro o capitão da guarda real o almirante-mór, D. Luiz Innocencio de Castro, com doze creados vestidos com casacas de pano azul, véstias de primavera encarnada, bandas brancas na cintura, com as pontas encarnadas, chapéus com plumas brancas, meias azues, e topes de fitas brancas e azues nos hombros; fez muito bem as cortesias e despejou-se o corro na fôrma dita. Entraram logo quatro mullas que traziam as caixas das garrochas, cada uma para um dos cantos da praça, onde pozeram as caixas que traziam; estas vinham cubertas com reposteiros de velludo carmezim bordados a ouro, com as armas do visconde de Ponte de Lima, D. Thomaz de Lima, que foi o cavalleiro que toureou este dia.

Depois de morto o primeiro touro e segundo, veio o dito visconde fazer as cortesias. Foi esta tarde admiravel, porque este fidalgo se mostrou em tudo muito diligente, muito grande cavalleiro, muito valente e finalmente muito grandioso, pois a entrada não só foi muito vistosa, mas de muito custo, pelo que logo direi.

Entrou a fazer as cortesias em um cavallo preto com crinas de fitas de tella de ouro. Em primeiro lugar levava em uma fileira á vanguarda, diante de si, doze homens brancos vestidos de casacas de velludo branco, vestias de ló encarnadas, chapéus de plumas brancas e iam n'esta fôrma: adiante do cavallo quatro tocando flautas e para o lado direito d'estes iam outros quatro a tocar trombetas de prata e para o lado esquerdo outros tantos fazendo o mesmo; levavam as trombetas cada uma seu estandarte de damasco carmezim bordadas de ouro com as armas do visconde. Seguiam-se logo vinte pretos em duas fileiras, dez para o lado direito e dez para o esquerdo, vestidos com peitos espaldares prateados, capacetes do mesmo com pulmas brancas, os braços nus e n'elles algumas manilhas de penas e levavam ao redor de si um sendal de ló carmezim com flores de ouro que lhe chegavam da cintura até aos joelhos, guarnecidos de rendas de ouro, borzeguins de couro gemado com maravilhas de prata cada um d'elles. Levavam arco e flecha e aljava prateada; e sobretudo levava cada um preso no braço direito pendente de uma fita encarnada, uma carta por d'onde o visconde, d'aquelle dia para sempre, os dava por livres e forros, que para este effeito os comprou todos.

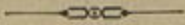
Fez as cortesias soberanamente e quando o cavalleiro recuava, estavam os pretos todos já postos de joelhos, até tornar a fazer a marcha. Feitas as cortesias ás pessoas reaes e damas, fez tambem na mesma fôrma publicamente uma cortezia á viscondessa sua mulher, que estava em um camarote para a banda do mar, junto ao forte, e isto não fez nenhum dos outros cavalleiros, tendo tambem suas mulheres na mesma praça. Fóra esta tarde por todos os modos felicissima, se lhe não cahira uma vez o cavallo.

Teve o visconde pelo meio da tarde touros cruéis, de grandes e ferozes; um d'elles a uma sorte lhe feriu o cavallo, estando elle empunhando a espada para assim o matar, investiu segunda vez o touro ao cavalleiro com tanta ferocidade que o fez cahir, e mal estava o cavallo em o chão, já o visconde estava a pé pegando no mesmo touro ás mãos; accudiu toda a fidalguia e mais gente para que não houvesse alguma descompostura, e matando o touro, montou em outro cavallo que o conde de S. Lourenço lhe foi buscar e troxe pessoalmente pela rédea a bom correr, que foi muito grande fineza pela publicidade em que se acharam estes principes. Depois d'isto matou tres touros de uma só garrochada, cada um por sua vez, e a um d'estes lhe metteu a lança por uma espada e lhe sahiu abaixo por entre as mãos, por onde lhe corria uma brecha de sangue notavel. Nunca perdeu a estribeira investindo alguns d'elles notavelmente; foi ulti-

mamente investido de um touro, de sorte que tomando o cavallo medo se desviou depois de feita a sorte, mas repetindo logo o touro em buscal-o por detraz, o cavallo lhe deu dois couces na testa e levou uma carreira de galopes tão feros, que só a muita valentia do visconde e sciencia de caval-leria deu a mostrar, que só cahindo o cavallo, podia sahir o cavalleiro, pois de outra sorte era impossivel porque o livrar elle de o cavallo o ex-pulsar fóra de si n'esta occasião, pareceu cousa sobrenatural.

Despediu-se o visconde ás Ave-Marias, e em toda a tarde não lhe foi necessario puxar pela espada, mais que na occasião da queda que o touro lhe feriu o cavallo, ficando n'ella muito ai-roso e valente porque foi o primeiro que pôz as mãos no touro, como já disse; nas sahidas fóra também se não dellatava, porque também tinha os cavallos promptos á entrada da porta, mos-trando n'esta fórma ser incansavel; festejou-o o povo, á sahida, com muitos vivas e applausos.

Por transcripção, Manuel M. Rodrigues.



## FERNÃO DE MAGALHÃES

DESCOBRIDOR DAS FILIPPINAS

### XV

(Continuado do n.º 674)

Transposto o estreito a que Magalhães chamou de Todos os Santos, como ficou dito, mas que um seculo depois era já conhecido por estreito de Magalhães<sup>(1)</sup>, e en-trada a frota no mar do Sul, estava ainda assim bem longe o termo da penosa viagem, pois que não lhe faltaram perigos e traba-lhos que passar.

Não foram as tempestades que difficul-taram a marcha, porque essas felizmente não assaltaram os navegantes n'aquelle mar, e tanto que estes lhe chamaram mar Pacifico, que ainda hoje conserva; mas a propria mi-seria em que se viam, faltos de saude e de alimentos, sem encontrarem comestiveis nem poderem fazer aguadas nas ilhas a que iam abo-lando, despovoadas e desprovidas das coisas necessarias á vida.

D'esta miseria nos dá boa idéa Pigafetta quando descreve, como testemunha presen-cial, as necessidades e apuros em que se vi-am os navegantes:

«Comiamos bolacha, diz Pigafetta, que estava feita em pó, cheio de gorgulhos, que lhe tinham absorvido a substancia alimentar, com um sabor acre detestavel da urina de ratos de que estava empregnada. A agua para beber era por igual pôdre e amarga. Para não morrer de fome vimo-nos obriga-dos a roer o coiro que forrava a verga grande e que impedia que a madeira desgastasse os cabos; era, porém tão duro o coiro, exposto a agua, ao sol e aos ventos, que precisava estar de molho no mar quatro e cinco dias,

para ficar um pouco mais macio, pondo-o depois ao lume, e assim o comiamos. Muitas vezes vimo-nos na necessidade de comermos serradura de madeira; e os ratos, tão repu-gnantes ao homem, chegavam a ser o ali-mento mais apetitoso, pagando-se até por meio ducado cada um.»

«Mas ainda não era tudo. Maior desgraça nos veio atacar, a de uma entermidade que consistia em nos inchar as gengivas cobrindo completamente os dentes de ambas as man-dibulas, a ponto de que os atacados d'aquella doença não podiam tomar nenhum alimen-to<sup>(1)</sup>. Além dos mortos, cahiram doentes vinte e cinco a trinta marinheiros, com dores nos braços, nas pernas e por outras par-tes do corpo, mas que enfim se curaram.

Pela minha parte não sei dar bastantes graças a Deus, por durante este tempo e entre tantos doentes não ter tido a menor doença.»

Não bastavam, porém, tantas provações aos ousados navegadores, porque, quando pensavam encontrar os viveres e refrescos de que tanto careciam, vendo aproximarem-se de umas ilhas, em volta das quaes nave-gava grande quantidade de barquinhos tri-pulados, depararam com bandos de selvagens, que assaltando os navios, pretendiam roubar quanto podessem. Foi necessario repellir-os á viva força e disparar sobre os bar-cos tiros de artilheria. Só depois d'esta recepção é que os navegantes puderam entrar com elles em commercio, trocando bagatel-las que levavam por alguns poucos viveres.

Depressa largou a frota d'aquellas ilhas e Magalhães as denominou ilhas dos Ladrões, com que ainda são conhecidas, chamando-se-lhe também ilhas Mariannas em razão das missões que n'ellas estabeleceu a rainha D. Maria Anna de Austria, mãe de Carlos II.

D'estas missões trata largamente o padre Gobien na sua *Histoire des Mariannes*, im-pressa em Paris em 1701.

(Continúa).

CAETANO ALBERTO.

## FORMOSURA PORTUGUÊZA

Conto histórico do tempo dos francezes

As hostes aguerridas de Napoleão, o maior e mais extraordinário ambicioso do mundo, nem sempre se cobriram de gloria marcial.

Vencêram ás vêzes e bastas vêzes, pelo presti-gio da sua fama, que era a fama altisonante do seu chefe suprêmo, Argus de cem olhos, que viam para tôda a parte, gigante de cem membros, que se estendiam miraculosamente, assolando aldeias, cidades e paizes.

Ao soar das tubas guerreiras, ao contar da len-da, resadôra de um poder, que tôdos supunham mais forte, entibiavam-se os animos, vergava-se a diplomacia, succumbiam, abstracta e por vêzes co-bardemente, governantes e governados.

Portugal, pela imprevidencia da sua politica ex-teriôr, pela falta de vigilancia fronteiriça e pela co-bardia execravel da sua côrte, deu de tudo isso uma amostra tão deploravel como funesta.

Na travessia de Hespanha, como é sabido, em 1807, época da primeira invasão, Junot, o manhô-so e elegante ex-embaixador de França, em Lis-

bôa, para tornar menos onerosa á população a passagem das suas tropas, retalhou-as em frações, dando-lhes, como ponto de junção, uma parte da Beira.

Algumas d'ellas, porém, extraviaram-se, so-frendo numerosas privações, tanto de esperar em época invernosa, por caminhos mal indicados e peiormente conhecidos.

Junot, ao transpôr a fronteira, por serranias e despenhadeiros, não esperou os transviados, ta-manha pressa tinha de chegar a Lisboa, meteu immediatamente as tropas n'essa direcção, obri-gou as a marchas forçadas, e não se importou se-quer de que novas frações se extraviassem, em virtude do estropiamento, má alimentação e ou-tros sofrimentos, devidos ao rigôr da estação.

Ao entrar, portanto, em Abrantes, a 25 de no-vembro, vinha apênas á frente de uns cinco mil homens, exhaustos e desmantelados, semelhando mais uma guerrilha fugitiva do que uma hoste in-vasôra.

Testemunhas oculares asseveraram que mui-tissimos soldados, aborçando-se ás armas inuti-lizadas, como se estas fóram cajados, mal se po-diam mexêr; que o maior número vinha faminto e descalço; e que, por esta ultima penuria, uma das primeiras resoluções do general Junot foi or-denar que os moradôres da cidade, de que mais ao diante Napoleão o havia de tornar duque, se despojassem do calçado em favôr da soldadesca franceza.

Entretanto, diante d'este nucleo de gente can-sada, faminta e esfarrapada, que demais a mais se annunciára como amiga e pacificadôra, porque apênas nos vinha *livrar dos inglêzes*, ninguem se apresentou a tempo de lhe embargar o passo, quando, a simples pau e pedra, um pouco á ma-neira pastoril da extrêma antiguidade, á Viriato, se podia expulsar esta horda de aventureiros en-franquecidos e desirmanados.

Muito ao contrário, dois dias depois da sua che-gada a Abrantes, a 27 de novembro, el-rei e a sua côrte fugiam cobarde e vergonhosamente para o Brazil, afirmando pelo egoismo pessoal e pelo desanimo poltrão, que este berço de heroes já não infantava senão vilões e liliputianos, que taes eram os conselheiros cortezaes, que, desasada e crimosamente, a tanto aconselharam e resolve-ram o regente.

O caso era tão deprimente, que até uma crea-tura, nefasta para as sympathias e para o bem do paiz, se erguera trovejante, n'um arranco espon-taneo de vibrante e justificada indignação, para o maldizer e condemnar.

— Isto é uma cobardia inaudita! De que fugi-mos e para que fugimos?— gritava enraivecida a rainha Carlota Joaquina, com sêr o que era, ao pôr pé no navio, que ia conduzir-a ao Rio de Ja-neiro.

— De que fugimos e para que fugimos?

Este brado de indignação classifica perfeita-mente o acontecimento e os homens, que o pro-moveram.

Com a fugida de D. João IV, o briôso e velho Portugal velava a face; os cofres públicos ficavam exhaustos; consideraveis riquezas em ôiro, prata e pedras preciosas do erario da côrte portugueza, raridades e reliquias artisticas de principes e fi-dalgos; quadros, objectos numerosos de altissimo valor histórico, real e estimativo, e varios tesou-ros públicos e particulares saíam do paiz, na ma-xima parte, para não voltarem a elle, como não voltaram.

Afirma-o até, bem categoricamente, a insus-peita palavra de Pereira da Silva, conhecido histó-riador brasileiro, quando se refere ao facto nen-fando, que levemente esboçamos.

Grandes e numerosas telas, profuso e rico mo-biliario dos palacios de Mafra, Cintra, Queluz e Bemposta e de outras moradias regias, que actual-mente accusam uma enristecedôra penúria, fó-ram joias, que se alienaram e perderam, e que fi-guram nas memórias da época e no criterio da gente de bom senso e no sentimento ultrajado de bom patriotismo como elementos ornamentaes d'essa calamitosa vergonha histórica.

### II

Uma das frações tresmalhadas do exército fran-cêz, por um imprudente desvio e falta de guia, realisando uma viagem tormentosa, foi dar com-sigo aos despenhadeiros da serra da Estrêlla, com surprêza do commando, que não soubera talvez consultar o mapa, de que se fazia acompanhar.

O chefe, portanto, resolveu retrocedêr imme-diatamente, mas teve por melhor mandar um cor-reio caminho de Lisboa, onde era de supôr que ja funcionasse o quartel general; e, a pequênas marchas, em razão do estado da soldadesca, con-

(1) Alguns escriptores tem dito que este nome foi posto pelo proprio Magalhães e ainda Buzeta e Bravo assim o dizem no *Dicionario Geographico Historico de las Iles Filipinas*, e, porém, fóra de duvida, que o estreito foi primeiro denominado de Todos os Santos, como vem na relação de Pigafetta e no Diario de Albo. Nas c. rtas geographicas e livros de geographia da segunda me-tade do seculo XVI já o estreito vem indicado com o nome do seu descobridor, e apenas consta de um aucto lavrado por Pedro Bar-mento de Gombos, quando atravessou o estreito em perseguição do Corsario Inglez Drack, elle denominou o estreito Mãe de Deus, em razão dos grandes perigos que passou para o atravessar, e de que felizmente sahio a salvo, pedindo a Philippe II de Castella que lhe conservasse aquelle nome em homenagem á Virgem que tão milagrosamente lhe acudira. Apesar d'isto Philippe II conservou ao estreito o nome do seu descobridor.

(1) Esta doença é o escorbuto.

## III

tornou a margem esquerda do rio Alva, e tomou a direção de Coimbra, um dos pontos centrais e estratégicos, que Junot resolvera guarnecer sem demora.

D'essa pequena legião, que se comporia de uns mil e duzentos soldados, quando muito, fazia parte, como adjunto e secretario do respectivo commandante, um joven capitão, que denominarêmos Adolfo de Juvat.

Oriundo da Bretanha, essa região de maravilhosas tradições cavalheirescas, território, que ainda hoje atesta o seu brilhante passado feudal nas ameias dos vetustos castellos alondorados á beira-mar ou nas ribas do Loire, tão povoado de lendas doiradas e romanescas, o manêbo descendia de uma familia nobre e aristocrática, que ao colorido dos pergaminhos juntára sempre, desde longuissimas datas, como timbre heráldico, o brilho da espada, ou da lança e adaga, cenforme os tempos.

Atraídos prodigiosamente pelos vóos phenomenaes da agua gigantesca da Córsega, que pretendia abrangêr sob as azas collossaes tódos os exercitos do mundo, muitos manêbos de igual estirpe tomavam parte nas hostes francêzas.

É que Napoleão realisava nos tempos modernos o valôr e a fama dos provecos conquistadores da antiguidade; e o seu exemplo era para seguir e imitar.

— A minha familia começa em mim! — asseveram que elle, erguendo muito a cabeça suggestora, respondera sobrançadamente um dia aos que se fizeram eco de detractores, que lhe farejavam nas origens rebentos humildes e nada régios.

— A minha familia começa em mim! Sobêrba resposta de um homem tão magnifico! Nunca das alturas de um trono imperial se pronunciou frase de maior sonoridade, nem de mais austera e nobre fidalguia!

Efectivamente, entre os rebentos de um longo sangue, d'onde nasceu um tólo, e as origens obscuras, que produziram um heroe, a preferencia racional e única é bem manifesta.

— A minha familia começa em mim! — dá-nos vontade de estreitar n'um eterno abraço a sombra hercúlea de tamanho vulto!

É que a heráldica dos tempos modernos vae buscar a sua estirpe ao valôr pessoal, ao mérito literario, industrial, scientifico, commercia e humanitário, como a dos tempos antigos, tão respeitavel como esta, a tomava dos campos de batalha ou do convívio principesco.

Aos olhos de Napoleão, o grande, vê-se, póis, que nobres e plebêus só eram grandes quando os merecimentos próprios os exalçavam á grandêza.

Por isso o acusavam de sobejamente descricionario na distribuição de posições, emprêgos e honras!

Por isso a fidalguia francêza, deslumbrada e pressurosa, corria a alistar-se nas fileiras dos seus exercitos, para progredir e engrandecêr-se, ou para tornar-se simplesmente notada.

Adolfo de Juvat era um galhardo manêbo de bigode e cabellos alourados, olhos brilhantes e incisivos, testa espaçosa e cortada a meio por duas pequenas rugas, que denunciavam, quando crispadas ou entumecidas, um carácter enérgico e cavalheiroso, barba fendida, nariz aquilino, rôsto oval e ar distincto, realçado pela elegancia do uniforme.

Moralmente, sem deixar de sêr um tanto folgassão, reunia aos brios de homem de bem um encarniçado affecto ao seu paiz, que elle julgava superior a tódos os paizes, como Napoleão era, no seu conceito, superior a tódos os homens natos.

Digno filho da sua amada Bretanha, se vivesse no passado, no tempo, em que se formaram as epopêas, mencionadas nos pergaminhos da antiga fidalguia, elle, môço e brioso, enérgico e ambicioso, daria um óptimo paladino.

Ao atravessar os diferentes povoados da península, que a soldadesca francêza devastava, como epidemia assoladora, profanando até os edificios, consagrados ao culto da religião, que era a sua, de Juvat confrangia-se sempre que o commandante da legião fazia vista grossa a depredações e ultrajes, que seria facil evitar.

Estes sentimentos, que tão bem lhe ficavam na sua idade e na sua posição, annunciam-lhe claramente as qualidades de carácter, e põem-lhe a descoberto uma parte do seu bello coração.

Seguindo sempre a margem esquerda da nascente do Alva, e trazendo diante de si o alarma, que afugentava tóda a gente, as tropas francêzas vieram têr a Arganil, onde acamparam por dóis dias.

Parecendo ao commando que a margem direita, seria, como era, a linha recta para Coimbra, mas não podendo transpôr o volume das aguas, entumecidas pelas chuvas do comêço do mêz, perguntou se haveria por aquelles sitios ponto ou viaducto, que favorecêsse a passagem sôbre o rio.

Indicaram-lhe as visinhanças de Pombeiro, onde existia uma ponte romana (1) já bastante deteriorada, conhecida por a ponte do Valle do Espinho, em razão de estar collocada no sopé da aldeia d'este nome.

O lingua era um antigo criado francêz, que em 1805 estivera em Lisboa, ao serviço do embaixador Junot, um mau intérprete por signal, com grande descontentamento do môço capitão, por onde corria o expediente, como secretario, que era, do commando.

Juvat, como não tinha contacto com a gente das povoações, a qual fugia espavorida, não con-

um aboletamento dos officiaes pelas poucas casas do povoado, e amontoando-se os soldados nos páteos, nos curraes, nos palheiros e no próprio adro da igreja.

Os principaes habitantes, que recebiam perdêr vida e havêres domésticos, haviam fugido, acarretando comsigo ou ocultando em esconderijos tudo o que de melhor possuíam.

Fôra d'este número o nosso bisavô paterno. José Manuel Corrêa de Araujo, que, apesar da sua illustração, póis era insigne poliglota e o homem mais sabedôr e abastado da terra, se deixara amedrionar por uma extraordinária impressão.

Logo que a noticia da chegada dos francêzes a Arganil se espalhou sinistra, Corrêa de Araujo chamou a ocultas um pedreiro, que julgava de sua confiança, mandou desladrilhar a sua vasta lareira, e fazer-lhe a meio profunda cavidade, onde em pequenas arcas e caixotes se lançaram os principaes objectos, que formavam uma grande parte da abastança da época — dinheiro em metal precioso, lóizas da India, pratas, alfaias e tódas as miudêzas valiosas do seu erário doméstico.

(Continúa . . .)

Sanches de Frias.



13 — Vamessa antiopa

## BORBOLETAS OU LEPIDOPTEROS

seguira ainda entendêr duas palavras juntas do portuguez bárbaro do seu compatriota.

— Eu não percêbo nada d'isto, mas creio que tu só pronuncias tolices — dizia Juvat ao seu lingua, mandando-o para o diabo em óptimo francêz, quando qualquer negócio de aboletamento ou viveres, redundava em disparate.

— Um dia, mando-te fuzilar, meu trapalhão — gritou-lhe elle na ocasião da sua chegada a Pombeiro, ao sabêr que as tropas escusariam de ali têr ido para encontrar a ponte do Valle do Espinho, se o lingua percêbêsse melhor o que lhe dissera o guia, tomado em Arganil.

E bom seria para Pombeiro e até para o autôr d'estas linhas que os francêzes tomassem o caminho mais curto, pela povoação da Roda, e não acertassem com a terra de Pombeiro, que ainda hoje conserva um signal indelevel da sua passagem!

A marcha vagarosa, o extropiamento da soldadesca e as horas adiantadas da tarde aconselharam a paragem ali, procedendo-se pela nôite a

(1) A reconstrução d'esta ponte, de um só arco, ampla e solidamente feita da cantaria de Sabouga, deve-se ao nosso segundo tio, o estadista e juriscoonsulto Julio Gomes da Silva Sanches, que, como dissemos, fazendo parte da nossa familia, passou em Pombeiro alguns annos da sua mocidade. Se não nos enganâmos, essa obra fez-se em 1848, quando elle pela terceira vez, tomou parte no governo, como ministro da fazenda.

(Nota do POMBEIRO DA BEIRA).



## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**Le Monde Moderne** — Paris — Rue Saint-Benoit, n.º 5 e 6 — Paris — Août e Septembre — 1897.

O primeiro d'estes numeros da interessante revista publica os seguintes artigos: *Le Disparu*, por E. Estaunié. — *Une Soirée chez un amateur d'affiches*, por Alexandre Henriot. — *L'Alpinisme*, por Frédéric Lohié. — *L'Enfance et la Vieillesse de Chateaubriand*, por E. Lenotre. — *Plages Normandes*, photographias de A. da Cunha. — *Belfort*, par Paul Gsell. — *Le Polisseur de pierres*, por Émile Hinzelin. — *Les Revues d'Architecture à l'Étranger*, por A. Quartin. — *La France colonisatrice*, por L. Sevin-Desplaces. — *L'Île de Sein*, par Paul Gruyer. — *Vieux Noms et Vieilles Rues*, par Charles Rozan. — *La Sécurité sur les Chemins de fer*, par Louis Hégey. — *Le Mouvement littéraire*, por Léo Claretie. — *Causerie scientifique*, por G. Mareschal.

De todos estes artigos, em que é difficil estabelecer primasias, destacaremos o de A. Quartin e o de Charles Rozan. Este ultimo, *Os nomes antigos das velhas ruas* mostra-nos a razão de ser de muitas denominações curiosas das velhas ruas de Paris, e como se tem synthetisado no nome d'ellas muitas cousas interessantes. Um trabalho semelhante referido a Lisboa seria muito conveniente para uso dos senhores vereadores lisboenses, que teem redobrado na sua faina inqualificavel de mudar os nomes ás ruas, obliterando da tradição os unicos vestigios de certos factos notaveis da historia da cidade.

## Almanach illustrado do «Occidente»

Para 1898

Entrou no prélo este esplendido annuario para 1898 e recebem-se annuncios até o fim d'este mez.

Desde já se recebem encommendas na EMPREZA DO «OCCIDENTE» — LARGO DO POÇO NOVO — LISBOA

## LIVROS PARA RIR

## O NARIZ DO TABELLIÃO

Por E. ABOUT

Tradução de Pin-Sel

Um vol. illustrado com uma linda capa a côres

PREÇO 200 RÉIS, PELO CORREIO 220

Pedidos á Empresa do Occidente, largo do Poço Novo — Lisboa.

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova d Loureiro, 25 a 39